Ano XIII — Lisboa, Dezembro de 1957 — N.º 152

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

BOA VONTADE ENTRE OS HOMENS

Quando naquela serena madrugada, nas montanhas de Judá, os pastores alvoroçados escutaram o coro triunfal dos anjos louvando e proclamando *Glória a Deus nas alturas e Paz na Terra; Boa Vontade entre os Homens*, longe estavam de supor que lhes era dado o privilégio de testemunhar a mais esperançosa promessa do Criador à humanidade. Poderá alguém, levianamente, julgar que a promessa divina não terá tido plena realização, mas, para além do ódio e da maldade humana, a mensagem de Jesus Cristo permanece como a única possibilidade do homem encontrar Boa Vontade, nunca recusada àqueles que se aproximam do Meigo Rabi da Galileia e n'Ele, e só n'Ele, buscam a Paz, a tranquilidade, a confiança que o mundo não pode oferecer.

Se é certo que os homens têm querido fechar os ouvidos à mensagem que os pastores escutaram e na Terra tem proliferado a injustiça, necessário é reconhecer que o Natal tem sido através dos séculos uma época de Boa Vontade. Ainda nas horas trágicas de guerra, quando os homens se espreitam como feras e se destroem como monstros, se os sinos tocam a alegre canção do Natal, a luta suspende-se e os homens-feras chegam a confraternizar. É o cumprimento da Promessa, a que ninguém pode resistir. E que outra época se poderá comparar a esta em ternura e amizade? As crianças são cercadas de compreensão e de carinho. Os velhos são rodeados de amor e de conforto. Trocam-se presentes, mensagens de simpatia, formulam-se auspiciosos votos. Até mesmo patrões avessos a recompensar os seus servidores, nesta quadra do ano atendem às necessidades dos seus colaboradores e têm gestos de generosidade. No Natal, o sofrimento é rodeado de compreensão, o espírito de solidariedade está mais apurado, o homem é mais sensível às aflições do amigo e do vizinho. Verdadeiramente, na Natividade reina Paz e Boa Vontade.

Na sua mais profunda significação, o espírito do Natal manifesta o real sentido da vida cristã. Toda a vida terrena do Messias foi empregada a exemplificar o significado da mensagem cristã. O Salvador, Filho de Deus, proclamou-se Filho do Homem e veio para servir. Em sua volta espalhou paz e boa vontade. Sarou enfermos, regenerou perdidos, fartou famintos, confortou perseguidos, enxugou lágrimas. Ele que abre os braços e promete alívio a todos os que andam cansados, torna a enviá-los a espalhar o Evangelho da Boa Nova e a confortar os aflitos. Muitos têm escutado a Sua voz e têm sido portadores da mesma mensagem. Outros, apenas no Natal se recordam do semelhante. É bom o espírito de Boa Vontade que reina nestes dias de festa, mas só alcançaremos a nossa própria felicidade se este espírito permanecer para além do Natal e fizermos das nossas vidas um permanente hino de louvor a Deus, servindo o nosso próximo em todas as circunstâncias.

Sejam os Escoteiros os pregoeiros da mensagem do Natal, agentes de Paz e Boa Vontade, *samaritanos* cristãos a confortar os que sofrem, arautos decididos das Boas Novas de Salvação proclamadas pelos anjos nas montanhas de Judá.

★ ● ★

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Escoteiro ou Escuteiro?

Os nossos leitores manifestam-se

O inquérito levantado pelo «Sempre Pronto» acerca da grafia que devemos adoptar para a palavra ESCOTEIRO, despertou vivo interesse entre os nossos leitores e muitos nos têm pessoalmente falado no assunto. A maioria manifesta-se a favor da ortografia com «o», afirmando que a palavra sempre foi assim escrita e constava assim de todos os dicionários anteriores ao último acordo ortográfico. O nosso colaborador António Norberto de Sousa Cunha, de Faro, escreve-nos no mesmo sentido. Também de Faro nos escreve o nosso assinante, sr. Francisco da Silva Maurício, uma entusiástica carta, na qual defende, com ardor, embora confessando que se não pode basear em provas concretas, a ortografia de escoteiro. E termina com estas palavras: *Mudar o Escoteiro é mudar o Escotismo. Apelo para todos num brado às armas: Viva o Escotismo!*

Admiramos o entusiasmo do nosso dedicado leitor, mas o assunto não pode ser apreciado pelo sentimento. Temos de concluir com fundamento se a palavra que designa o membro do nosso Movimento se escreve *escoteiro* e significa *ágil, ligeiro, aquele que viaja sem bagagem, explorador, pioneiro*, ou se antes se deve escrever *escuteiro* e significar *o que escuta, o vigia, a sentinela*. Estamos certos que muitos dos nossos leitores nos poderão auxiliar a esclarecer este assunto, visto que especialmente entre os antigos escoteiros há quem possa, com conhecimento e fundamento, dar o seu parecer. Aguardamo-lo e agradecemos antecipadamente.

«SEMPRE PRONTO» apresenta a todos os seus amigos: leitores, assinantes, correspondentes, colaboradores e anunciantes, os votos sinceros de um Natal muito feliz.

RONDA MENSAL DE UM CINÉFILO

Outubro, 20.

Gostaria de reportar-me, hoje, ao cinema nacional. Mas não o posso fazer sem que me recorde, imediatamente, o cinema espanhol, muito mais recente, e, ainda há pouco, considerado como pouco evoluído em relação ao português. O cinema nacional, àparte uma ou outra obra, fàcilmente identificáveis, nunca mereceu o mais sincero aplauso. E, contudo, sendo certo que muito mais retraído, o cinema espanhol progrediu imenso, principalmente a seguir à última guerra mundial. Tenho, neste momento, à minha frente, alguns jornais e revistas cinematográficas espanholas, com os quais me delicio de há muito tempo a esta parte. Do «Triunfo», de Madrid, respigo o seguinte, como afirmação concludente da produção cinematográfica de Espanha: **Mês de Junho de 1957** — Filmes em Rodagem: «*A Vingança*»; «*Un angel volo sobre Brooklyn*»; «*Camarote de luxo*»; «*O fotogénico*»; «*As Lavadeiras de Portugal*»; «*Saeta*»; «*Um americano em Toledo*»; «*Juego de niños*»; «*La Cenicienta y Ernesto*»; «*O fiereje*»; «*O maestro*» (o primeiro filme dirigido por Aldo Fabrizi); «*El fiinchia*»; «*Féria de muestras*» (com o nosso compatriota António Vilar); «*É perigoso saber esperar*»; e «*Minfia desconsolada esposa*». Em Dobragem: «*Valentina*» e «*Interpol*».—Em Montagem: «*El Hombre del Paraguas Blanco*» e «... *Y eligio el infierno*».—Terminadas: «*Os amantes do deserto*»; «*Salvemos a paisagem*» (com os actores italianos Vittório de Sica e Gino Cervi); «*O que custa viver*»; «*Madrugada*»; «*Mensajeiros de paz*» e «*Cumbres luminosas*».

Quere dizer: 25 filmes em movimento só no mês de Junho. No nosso país, desde Janeiro, que a movimentação de filmes de grande metragem foi a seguinte: Estreia de «Dois dias no paraíso» e primeiras filmagens de «O Homem do Dia».

Que contraste! E que magnífico motivo para um pensamento sério!

Outubro, 29.

É desolador o programa de exibições que se levam a efeito, hoje, nesta cidade. Senão vejamos: Coliseu do Porto: «Paulo e Carolina», com... Pedro Infante; Vale Formoso: «Um anjo negro», com... Pedro Infante; Júlio Diniz: «O grande bluff», com... Eddie Constantine; Olímpia: «O grande bluff», com... Eddie Constantine; Trindade: «Parada Imperial», com... Romy Schneider; Nun'Alvares: «Sissi, a Jovem Imperatriz», com... Romy Schneider. Resulta que três artistas estão a ser apresentados em 6 cinemas do Porto, isto é, em 60 % dos principais ecrans da cidade.

Uma coisa é, infelizmente, exacta: Nenhum de tais filmes possui aquele mínimo de interesse artístico que me permitam encarar a sério o problema duma cultura cinematográfica em pleno período de evolução. Aplaudem-se os artistas, impingem-se ainda com mais facilidade e se o portuense se preocupar em mudar de sala para sala de cada uma das casas de espectáculos cinematográficos, encontra as mesmas caras e as mesmas... histórias do folhetim.

Não é nada para o pouco com que me contentaria neste momento.

Porto.

MAURÍCIO BRANCO DUARTE
(Da Tertúlia Aganipiana)

Dos amigos do "SEMPRE PRONTO"

De viagem — Em missão oficial, encontra-se na Bélgica o nosso estimado amigo sr. Eng.º José Maria Nobre Santos, ex-escoteiro-chefe geral da nossa Associação.

De parabéns — Pelo nascimento da sua segunda menina, em Novembro passado, encontra-se de parabéns o nosso estimado assinante Chefe Júlio Maria Reis, do grupo 94, a quem, bem como a sua Esposa, cumprimentamos, formulando votos de muitas felicidades.

De Luto — Pelo falecimento de sua avó paterna, encontra-se de luto a nossa estimada assinante Guia Eunice de Prazeres Soares, subchefe da 1.ª Companhia de Lisboa, a quem apresentamos sentidas condolências.

Comandante Henrique Tenreiro

Foi recentemente promovido ao posto de capitão-de-mar-e-guerra, o sr. Comandante Henrique Tenreiro, dedicado presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal.

«Sempre Pronto» associa-se com prazer às homenagens prestadas ao ilustre Marinheiro, por tal motivo, a quem apresenta sinceras saudações.



COISAS DO NORTE

Grupo n.º 4—Porto

Diplomados pela D. C. T., terminaram os seus cursos de Primeiros Socorristas o Encarregado da Chefia deste Grupo, sr. António Barbosa e os escoteiros Belmiro de Figueiredo, Armando Jorge e José Figueiredo.

No dia 21 de Setembro, os Caminheiros deslocaram-se a pé a Braga, numa prova de resistência, merecendo os maiores elogios do sr. António Palha, que, com outros escutas, os aguardavam na Sede Regional do C. N. E., em Braga, onde pernoitaram. O serviço de controle foi feito em algumas localidades, sendo a carta carimbada por distintos funcionários da Direcção de Viação e Trânsito e casas comerciais, cobrindo estes escoteiros um percurso de 75 quilómetros.

No dia 3 de Novembro, foi realizada uma festa de confraternização, sendo distribuídos prémios aos escoteiros que se evidenciaram em provas e ainda lindas medalhas «porta-chaves» aos Caminheiros que se deslocaram a Braga. Esta festa comemorou a passagem do aniversário da Direcção deste Grupo e o «Programa de Trabalhos» da época de verão.

Foi criada uma Escola de Guias, que começou agora a funcionar, com a colaboração técnica do subchefe António Gonçalves.

«SEMPRE PRONTO»

Além dos amigos que pessoalmente nos apresentaram felicitações pela reportagem que colhemos no Jambori e publicámos nos últimos números do «Sempre Pronto», a quem renovamos os nossos agradecimentos, tiveram a gentileza de nos escrever, felicitando-nos, os nossos estimados camaradas srs. Jacinto dos Reis Moniz Silva, subchefe do contingente dos Escoteiros de Portugal no Jambori; José Manuel Pereira, chefe do grupo 60; e Justino Estêvão da Silva, aos quais agradecemos e enviamos os nossos cumprimentos.

MÁQUINAS DE ESCREVER
SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS
VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO
ALUGUER DE MÁQUINAS DE ESCREVER
OFICINA DE REPARAÇÕES
COM PESSOAL ESPECIALIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS
QUINTINO, L.DA
RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA





Um dos dias do Jambori foi dedicado aos Lobitos, que fizeram grandes exibições na Arena. 30.000 Lobitos visitaram o Acampamento nesse dia. Alguns perderam-se e ficaram entregues aos cuidados das Guias em tendas especiais. Na gravura vêem-se as Guias carinhosamente identificando um dos perdidos. Ao fim do dia, sòmente 4 não tinham sido reclamados, tendo sido conduzidos a suas casas.



UM POR TODOS, TODOS POR UM

— Senhor chefe — pediram os lobitos, nessa tarde perfumada de outono — o Bando Azul gostaria de que o senhor contasse uma história.

Jorge, chefe de um grupo de escoteiros, dotado de imaginação fértil, colaborava, assiduamente, em diversos jornais infantis. No grupo, fazia, com frequência, o papel que as avózinhas desempenham nos lares — contava aos seus lobitos histórias de encantar.

Nessa tarde, o grupo acampava perto de Lisboa. Em torno, as montanhas erguiam-se toucadas de olivedos. Entre pomares, espreitava uma aldeia, com as casas brancas de neve, rodapés azuis e telhas vermelhas. O rio saltitava entre fraguedos, bordados de fectos e avenca. Nos cumes, viam-se moínhos arruinados e outros ainda com as suas velas girando. A brisa soprava, muito suave e perfumada.

— Pois então, vou contar-lhes uma história, a que podemos dar o título de *Um por todos e todos por um.* Ora escutem.

Em torno do chefe, os lobitos, sentados no chão, com as pernas cruzadas, preparam-se para ouvir, interessados, o conto. Jorge começou:

* * *

— Era uma vez, assim começam todos os contos, um rapaz, filho de um oficial, que frequentava o liceu com óptimas classificações. Ia quase no fim do curso quando o pai faleceu, deixando-o em grandes dificuldades, como quase sempre sucede, pois nada há que substitua o braço paterno.

Ora esse rapaz, a quem poderemos chamar Ernesto, era natural de uma povoação chamada Barqueira, muito próxima da vila de Sobral de Monte Agraço. Como fosse muito bom aluno, o liceu isentava-o do pagamento de propinas. Mas embora esse auxílio fosse grande, não bastava.

Como havia de manter-se e sustentar a mãe?

Ernesto, porém, não desanimava. Começou a dar lições a colegas do liceu dos primeiros anos, fazia revisões num jornalinho, lutava, enfim, pela vida...

Entretanto, a mãe foi ao Sobral, a fim de tirar uma certidão de idade do filho. Na Barqueira, em conversa, relatou a alguns parentes as dificuldades que o rapaz enfrentava, corajosamente, para se manter nos estudos e sustentá-la. Pouco tempo depois, já a senhora tinha regressado a Lisboa, quando recebeu a visita de uns parentes vindos da Barqueira.

— Vimos procurá-la, prima Luísa — disse um deles — contou-nos que vive em dificuldades em virtude do falecimento do seu marido. Pois a gente lá da terra não quer que o Ernesto, que é tão bom estudante, interrompa o seu curso. Por isso, resolvemos, entre todos, abonar uma mensalidade à prima Luísa até que ele acabe os estudos.

— Abonar? — perguntou a Luísa.

— Sim; não vimos oferecer-lhe uma esmola, que a prima não aceitaria nem nós nos atreviamos a dar. Trata-se de um empréstimo, que o seu filho liquidará, quando e da maneira que lhe for possível...

Assim foi.

Mensalmente, Luísa recebia uma importância que lhe permitia viver sem dificuldades. Ernesto, que já havia completado o liceu, tirava, agora, o curso de medicina veterinária.

Viu-se, assim, — observou Jorge — que estavam *todos por um.*

Passados anos, o rapaz doutorou-se com óptimas classificações. Considerado um talento, pouco demorou a tornar-se professor da escola em que se formara. Logo que lhe foi possível, foi à Barqueira liquidar a sua dívida.

Certo dia, recebeu desagradável notícia: uma epizootia no gado bovino declara-se na Barqueira.

Embora com prejuízo seu, pois tinha de abandonar as lições e a clínica em Lisboa, Ernesto partiu imediatamente para o foco da epizootia, a combater o mal. E como tinha do seu lado o saber e a gratidão àquela boa gente que lhe permitira transformar em realidade o sonho de se formar, Ernesto combateu a doença, vencendo-a, pagando, assim a dívida moral que contraíra.

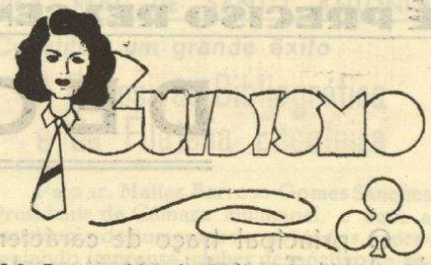
Um por todos, eis a divisa de Ernesto.

Aquela gente, ao facilitar-lhe os meios de tirar o curso, não pensava, certamente, em que esse mesmo curso lhes viria a ser de tanta utilidade. É bem verdade que *quem semeia, sempre colhe...*

* * *

— Pois meus rapazes, — concluiu o chefe de grupo — não esqueçam esta lição. Na vida, devemos auxiliar-nos mùtuamente. Só assim nos podemos considerar irmãos. E, se tal fizermos, a paz e a boa vontade reinarão entre todos os homens...

MANUEL FERREIRA



1.ª Companhia de Lisboa (Grupo Rainha D. Leonor)

A mudança da sede desta Companhia para a Rua Tomás da Anunciação, 56, 1.º, onde se encontra agora instalada a Igreja Presbiteriana a que está anexa, tornou difícil a permanência da sua Chefe, sr.ª D. Júlia Ribeiro, fundadora do Grupo, que com uma notável dedicação o dirigia desde a sua fundação. O facto da Chefe morar muito distante da sede, forçou-a a pedir a sua demissão.

Por este motivo, aproveitando a sessão que o Grupo de Escoteiros n.º 10 realizou em 19 de Outubro passado, prestou Compromisso de Honra e tomou posse, a nova Chefe, sr.ª D. Cremilde Soares, acto a que presidiu o Rev. Dr. M. Conceição Jr.

• • o • •

Aconteceu no Jambori...

Os serviços de saúde do Jambori encontravam-se montados com o maior cuidado. Não só os serviços hospitalares eram perfeitíssimos e dispunham de pessoal dedicado e competente, mas por todo o acampamento havia ambulâncias e enfermeiros prontos a intervir onde os seus serviços fossem necessários. Assim, e isso acontece sempre nas grandes concentrações, se algum escoteiro caía com qualquer síncope, imediatamente uma brigada de maqueiros o transportava para a ambulância e era levado ao hospital para ser inspeccionado, ainda mesmo que entretanto o incómodo tivesse desaparecido.

Aconteceu que um dos nossos camaradas brasileiros, nos primeiros dias de acampamento, quando o calor apertou um pouco, foi-se deitar debaixo de uma árvore e aí adormeceu. Entretanto, passou a ambulância, viu um escoteiro ali caído e não esteve com mais demoras, pegou nele, meteu-o na ambulância. O nosso brasileiro bem procurou esclarecer que não estava doente, mas, como eles não entendiam a sua linguagem, de nada valeram os seus agitados protestos. Foi levado ao hospital. Aí foi observado devidamente e, como nada lhe foi encontrado, teve alta...

* * *

Dois caminheiros portugueses estiveram no Campo do «Moot» em amena *cavaqueira* com um chefe do Liechtenstein, tendo um deles trocado algumas insígnias com ele. Regressados a Portugal, revendo os jornais diários do Jambori, um deles exclama admirado: — *Mas o nosso companheiro do Liechtenstein era o Príncipe Emanuel!...*

É assim o Escotismo. Um só espírito e um só uniforme que anulam todas as diferenças sociais.

É PRECISO REACENDER O ANTIGO FOGO

DECEPÇÕES...

POR «Z»

O principal traço de carácter de Artur Toscanini, recentemente falecido, foi, sem dúvida, a intransigência para com ele próprio, mais ainda do que para com os outros. É verdade que é difícil, senão impossível, atingir o génio — como ele conseguiu de maneira inigualável — sem se revoltar a todo o instante contra as mínimas e inumeráveis manifestações da mediocridade neste mundo.

Seria absurdo concluir por uma dureza de coração, porque não são os insensíveis, mas, quase sempre, pelo contrário, aqueles que ardem num amor intenso quem menos aceita transigir. Recordai-vos de S. Mateus: «Eu não vim trazer a paz mas a espada...». E lembrai-vos da irresistível cólera de Jesus expulsando os vendilhões do templo depois da sua indiscutível sentença: «Quem não é por Mim é contra Mim». Não se usa, além disso, da mais elementar franqueza para com aqueles a quem se ama? Ora para aí chegar é necessário ser intransigente tanto quanto corajoso.

Um chefe de orquestra é por excelência um símbolo da solidariedade humana, um condutor de homens. Estes, sob a batuta, vibram em unísono como um instrumento de cordas sob o arco. Assim, na noite nasce a luz e a oração brota no silêncio. Uma faúlha é suficiente, mas é indispensável, para acender o fogo.

A morte dum maestro equivale não à de um só ser humano, mas de todo o grupo que, sem ele, se torna como que um corpo amputado de um dos seus membros ou melhor, do seu coração.

Sobre este assunto, devo confessar que este ano, que marca para nós um aniversário importante, tenho perguntado a mim próprio se a chama que o nosso grande chefe B. P. fez brilhar através do mundo da ponta da sua batuta mágica não está, aqui e ali, enfraquecida até vacilar de maneira inquietante.

Num artigo publicado, aqui mesmo, em Setembro do ano passado, e que não tinha outra pretensão que não fosse vos estimular, permiti-me perguntar-vos se a via empreendida pelos Escoteiros de Portugal era, na opinião de cada um de vós, a melhor. Depois de ter insistido sobre as terríveis responsabilidades que pesam sobre os nossos ombros, sublinhei — em termos duros ainda que amigáveis — que os Escoteiros não podem por mais tempo, sem perigo, permitir-se viver demasiadamente afastados dos outros cidadãos.

Não temos o direito, parece-me, com efeito, de ser personagens de uma peça representada pelos rapazes para se evadirem das duras realidades que os cercam, a qual se torna de tal forma feérica que não teria mais qualquer relação com eles. É por isso que tanto insisti na necessidade de conservar uma intensa vida interior e entendi dever convidar-vos a não vos fechardes sobre vós próprios, como aqueles Budas chineses que passam os dias a olhar o seu umbigo. Incitei-vos neste sentido e a não terdes receio de vos lançardes em frente no vosso caminho, construindo-o pelas vossas próprias mãos e continuando-o na direcção do futuro. Prossegui sem medo de ferir os pés na pederneira aguçada nem as mãos no transporte das pedras ásperas.

O meu desejo era grande, então, de conhecer a vossa opinião sobre este assunto. E julgando que vos poderia sugerir experiências precisas que poderiam ser tentadas para participar MATERIALMENTE, no quadro das vossas actividades escotistas, na marcha do país para o progresso ou um bem estar sempre maior e justo. Terminava pois as minhas linhas pedindo-vos para fazerem o favor de me escrever...

Um dia destes uma carta chegou às minhas mãos. Era escrita pelo nosso caro Director do S. P., que procurava ser-me agradável notando que «os Portugueses são por vezes um pouco preguiçosos para escrever» e que «o facto de ninguém ter escrito não significa menos apreço».

Pode ser? Não é, todavia, uma aprovação que procuram os colaboradores desta folha a que consagram uma parte do seu tempo, porque um jornal como este não pode de maneira nenhuma ser uma ama de embalar que dita e aducica os sonhos recíprocos daqueles que o lêem e daqueles que o escrevem. O jornal deve ser a obra não de uma equipa restrita a favor da associação, mas uma realização comum destinada à comunidade. O piedoso fundador de «O GAIATO» tinha compreendido bem esta ineludível necessidade: «de rapazes, para rapazes, pelos rapazes».

Estava ele deslocado, então, por estar triste ao mesmo tempo que inquieto? Não seria muito bem fundada a interrogação que visava a saber se nós não tínhamos dado demasiada importância à quantidade e não suficiente atenção à qualidade? Será verdadeiro que o número dos uniformes é muito nìtidamente superior àquele dos únicos que merecem a qualificação de «escoteiros»: aqueles que o são pelo coração?

Porque, nem mais nem menos, não há alternativa. Poderá um mandrião ser considerado escoteiro? Longe de desculpar, a preguiça não agravará tal passo? Com efeito, quem pretenda entrar na nossa «Casa» não se concebe que possa ser aceite sem primeiro ter abandonado à porta defeitos deste género. A luta pelo futuro será muito dura para que consintamos os neutros nas nossas fileiras. Não seremos dignos discípulos de B.-P. enquanto não pudermos todos fazer nossa esta emocionante frase de Toscanini: «*Eu ardo, eu gelo, mas não posso ser um morno*».

A insatisfação torna-se constantemente indispensável neste mundo que:

«Ya no conoce á su criador,
«Ya no conoce para que es criado,
«Ya no conoce que cosa es pecado,
«Ya no conoce si tiene señor;
«Ya no conoce á su Redentor,
«Ya no conoce sus santos consejos,
«Ya no conoce ni mozos ni viejos,
«Ya no conoce qual cosa es mejor.

«Ya no conoce quien lo viene a ver,
«Ya no conoce ni padre ni madre,
«Ya no conoce compadre ni comadre,
«Ya no conoce pesar ni placer.
«Ya no conoce su desconocer,
«Ya no conoce hermano ni hermana,
«Ya no conoce parienta cercana,
«Ya no conoce ni quiere conocer».

como escreveu o imenso Gil Vicente, a quem uma sensibilidade extrema e uma sede insaciável de justiça como uma fome constante de infinito conduzia, ele próprio, até à intransigência e o levava a aplicar, sem piedade, a todas as hipocrisias do seu tempo, o implacável ferro em brasa do seu humor.

Entendei-me bem. Não tomo o vosso silêncio por injúria pessoal. Não tenho desejo mais vivo que o ter a certeza que é feita abstracção da minha pessoa na leitura dos meus escritos. O que conta não é o autor, mas o que eventualmente possa dizer de justo ou de erróneo. O que me parece grave, numa palavra, é a ausência TOTAL de reacção àquilo que tinha sido solicitado e se referia a problemas que pode-

(Conclui na 8.ª página)

JOÃO MÓS

que foi o organizador do Acampamento Internacional de Patrulhas, de S. Paulo, Brasil, esteve em Portugal

Os nossos leitores conhecem já o antigo dirigente escotista brasileiro, Sr. João Mós, aquele nosso compatriota que recebeu os escoteiros portugueses, que estiveram em São Paulo, em 1954, com grande hospitalidade e ternas recordações da sua Pátria. Pois o Chefe João Mós passou três meses de férias em Portugal, viajando, conhecendo a sua Terra, visto que tinha apenas 14 anos quando embarcou para terras de Santa Cruz. E com que carinho ele jornadeou por Portugal, viajando desde o Minho e Trás-os Montes até ao Algarve. Como partia para o Brasil em 23 de Setembro, em barco português, não quisemos deixar de ouvir as suas impressões sobre o nosso país para as transmitir aos nossos leitores. O Chefe João Mós, conhecedor do nosso desejo, logo abriu a sua alma deixando transbordar o seu grande amor pela terra portuguesa. E disse-nos:

— Naturalmente, esta minha visita a Portugal é um novo marco na minha vida. Afinal vim cá conviver com a nossa gente, reviver, visitar e sentir as coisas da minha Pátria.

— E quais são as impressões da visita? — inquirimos:

— Para mim, Portugal não teve pròpriamente surpresas. Acho que o País acompanha o progresso de todas as grandes nações. Mesmo Lisboa é uma grande capital, cuja vida é bastante activa. Apreciei a vida nocturna, bastante intensa, onde as senhoras podem transitar sossegadamente pelas ruas.

E arrematando: — Olhe! Acho que Portugal é grande demais num povo tão pequeno, mas a sua grandeza foi e é feita exactamente por esse povo.

— Que impressões colheu das suas viagens pela nossa Terra?

O Chefe João Mós, sorriu deixando aflorar ao rosto a sua grande satisfação pelas visitas feitas por todo o continente, e afirmou:

— Tenho procurado sentir as cidades e vilas visitadas, passado horas em meditação, caminhando muito a pé, observando. Por isso, dei a cada terra uma legenda. Por exemplo: A Lisboa chamei: *A velha sempre rapariga*. Ao Porto, minha terra natal, *Recordação*. A Coimbra, *O Saber*; Guarda, *A Altaneira*; Tomar, *Onde as pedras são de renda*; Covilhã, *A Cascata*; Guimarães, *Marco da História*; Serra da Estrela, *A Serenidade*...

E arrematando com entusiasmo: — Visitando e conhecendo as coisas de Portugal, encontrei justificação para continuar a viver no Brasil, de que já sinto saudades. Vivendo no Brasil, vivo no meu próprio ambiente, tratando das coisas da minha vida e continuando a ser um Português saudoso da sua Pátria. Eu sinto as coisas de Portugal como as não sentiria se vivesse na minha terra.

Felicitámos o Chefe João Mós pelo seu notável espírito de dedicação a Portugal e procurámos orientar a conversa noutro sentido, tentando a pergunta:

— Que juízo formou do Escotismo em Portugal, visto que tem procurado acompanhar de perto os nossos dirigentes?

O Chefe Mós mudou de fisionomia. Não mostrou interesse pela pergunta, respondendo apenas:

— O mesmo juízo que fazia no Brasil e que prefiro não exteriorizar. Compreendo a situação do Escotismo em Portugal, mas não a aceito. Este período já passou pelo Brasil, mas vencemos as dificuldades. Hoje temos um Movimento unido».

Compreendemos que não merecia a pena insistir neste assunto. O Chefe Mós não desejava exteriorizar opiniões sobre o Escotismo, acrescentando apenas: «Tenho amigos nas duas associações escoteiras e todos me receberam muito bem.

Despedimo-nos do Chefe Mós, desejando-lhe boa viagem e fazendo votos para que possa ainda fazer nova visita ao nosso Portugal.

CONCLUSÕES

da II Conferência dos Guias de Patrulha dos Grupos Evangélicos de Lisboa

1.ª — O guia deve procurar escolher jogos que interessem a todos.

2.ª — O guia deve colaborar com o Chefe na escolha dos jogos.

3.ª — O guia deve aventurar-se a jogos de grande iniciativa, visto eles constituírem um dos principais meios de acção da vida da Patrulha.

4.ª — O guia não deve dispensar os pequenos jogos tendo atenção que eles são uma preparação dos grandes jogos.

5.ª — Os guias não devem ter outros cargos na Patrulha, por isso ocasionar o desvio da responsabilidade que deve caber a cada escoteiro.

6.ª — O guia deve conhecer bem os cargos da Patrulha para orientar bem os seus escoteiros.

7.ª — Para que a boa orientação da patrulha seja um facto, é essencial que o guia seja criterioso na escolha do subguia e que ambos trabalhem em íntima colaboração e comum acordo.

8.ª — O guia deve dar o bom exemplo de disciplina e incitar os seus escoteiros a segui-lo também.

9.ª — Reconhece-se a vantagem de o guia ler ou contar actos heróicos de disciplina.

10.ª — Reconhece-se também a vantagem dos jogos para uma boa disciplina escotista.

11.ª — O guia deve ser o mais camarada de todos os seus escoteiros para que haja um bem estar e uma harmoniosa vida de patrulha.

12.ª — Um ideal comum deve agregar toda a patrulha de forma a fomentar a camaradagem.

13.ª — O objectivo principal do Conselho de Patrulha é pôr o guia ao conhecimento dos desejos e observações dos seus escoteiros, de forma que possa proceder sempre de acordo com eles.

14.ª — O Conselho de Patrulha deve decorrer de uma forma agradável, dedicando todo o interesse aos assuntos.

15.ª — Reconhece-se vantagem de iniciar e terminar o Conselho de Patrulha com oração, canção da patrulha ou recitação da Lei do Escoteiro.

16.ª — A patrulha quando sai para o campo já deve ter o programa preparado desde a reunião anterior, a fim de contribuir para a boa ordem da actividade.

17.ª — A patrulha deve reunir trinta minutos antes da sua saída para o campo a fim do guia dar as últimas instruções e conselhos.

18.ª — Dirigir é um dos principais focos de que o guia se deve servir para iluminar o bom caminho.

19.ª — O guia deve dirigir sempre, pois de contrário põe em perigo o prestígio da patrulha, a moral dos seus escoteiros, e o ideal escotista.

20.ª — Que a Terceira Conferência de Guias de Patrulha dos Grupos Evangélicos de Lisboa se realize em 1 e 2 de Novembro de 1958.

VILA REAL DE SANTO ANTONIO

Constituiu um grande êxito

A Exposição Bibliográfica e de Filatelia Escoteira

Pelo sr. Matias Barroso Gomes Sanches Presidente da Câmara Municipal, e com a assistência de numerosos convidados, representando Imprensa, clubes desportivos e recreativos, Bombeiros, Grupo N.º 77 de Faro da A. E. P. e muito público, foi inaugurada às 11 horas, de 1 de Dezembro, a Exposição Bibliográfica e de Filatelia Escotista, organizada pelo Grupo N.º 60, com o patrocínio do «Sempre Pronto».

O Chefe do Grupo expôs os objectivos da Exposição, no duplo aspecto bibliográfico e filatélico, e a sua associação às comemorações do centenário de Baden-Powell e do Jubileu do Escotismo, historiando a expansão por este alcançada como método educativo da juventude. Exprimiu também o seu agradecimento ao «Sempre Pronto», sem cuja ajuda, disse, a Exposição nunca seria possível e terminou afirmando o desejo do seu Grupo de que aquela fosse aberta no dia 1.º de Dezembro, ficando assim ligada à data histórica que representava para todos os portugueses a expressão da vontade de um povo que quer viver independente e sacrifica a vida defendendo a bandeira das quinas onde necessário for.

O sr. Presidente da Câmara cortou a seguir a fita simbólica, declarando inaugurada a Exposição, que percorreu com manifesto interesse, folheando algumas publicações, das várias centenas expostas e detendo-se particularmente na leitura da reportagem do «Sempre Pronto» ao V Acampamento Regional do Algarve, realizado em 1955 nesta Vila com a colaboração de 150 escoteiros e dirigentes de Lisboa, em que presidira a diversas cerimónias, então na qualidade de Vice-Presidente do Município. No final, depois de apreciar também as séries de selos postais, blocos, sobrescritos e outros motivos filatélicos alusivos ao Escotismo, manifestou o seu agrado por quanto vira, felicitando os organizadores e fazendo votos pelo progresso do nosso movimento.

Na Exposição, que teve desusada concorrência e encerrou em 8 de Dezembro, a Secção Bibliográfica ocupava o corpo central da principal sala do Náutico, tendo subsecções de publicações portuguesas, jornais «de parede» e publicações estrangeiras. Nela figurava grande quantidade de livros, jornais e revistas sobre Escotismo, com destaque para o «Sempre Pronto», de que foi apresentada toda a colecção, sobressaindo o número dedicado a Baden-Powell.

A Secção Filatélica ocupava as paredes do fundo e lateral esquerda, comportando cerca de 100 quadros de vários expositores todos sobre filatelia temática escotista.

Nos largos vãos das janelas do Clube viam-se interessantes trabalhos manuais executados pelos escoteiros do «60».

O Júri do certame filatélico, que teve o patrocínio do Clube Filatélico de Portugal e foi integrado no Dia do Selo, constituído pelos filatelistas srs. Dr. Reinaldo Raul Prazeres, Júlio Mendes e Emílio Diogo Costa, reuniu na noite de 30 de Novembro, atribuindo o 1.º prémio, medalha de vermeil, à colecção n.º 4, do chefe do «60»; o 2.º, medalha de prata, à colecção n.º 3, dos srs. José Manuel Miranda Melo e Ernesto Clímaco do Nascimento, de Lisboa; o 3.º, medalha de cobre, à colecção n.º 1, do sr. Joaquim Soares, de Castro Marim, e o 4.º, menção honrosa, à colecção n.º 2, do sr. José Eduardo Pena Ribeiro, de Lisboa.

O Grupo N.º 60, que formara em guarda de honra, ao sr. Presidente da Câmara, desfilou, cerca das 12 horas, pelas ruas da vila, comemorando o 1.º de Dezembro, prestando depois homenagem à bandeira nacional, no local da Exposição, e ouvindo uma prédica, feita pelo seu Chefe sobre o significado da data.

PROVAS DE 1.ª CLASSE

ORIENTAÇÃO

9 — Orientar-se de noite e conhecer pelo menos seis constelações.

Se te perguntar, escoteiro, como nos devemos orientar de noite, certamente responderás que pela bússola. E se te disser que não tens bússola, poderás também responder que o escoteiro está sempre preparado. Pois bem, tens bússola, mas a noite está muito escura e não consegues distinguir a agulha nem o mostrador. Restam-te os astros. São estes que te oferecem meio seguro de orientação.

Parece que foram os fenícios os primeiros navegadores que conheceram a arte de orientação pelos astros e procuraram ocultar dos outros navegadores a sua descoberta, o que lhes proporcionou durante largo tempo grande supremacia sobre os marinheiros de outras nacionalidades.

A arte de orientação pelos astros é, também, uma perícia do escoteiro, o que é muito natural, visto que os acampamentos constituem oportunidades magníficas para podermos apreciar o firmamento e gozar a extraordinária beleza das estrelas.

ORIENTAÇÃO PELA LUA

Quem não conhece a Lua! O satélite da Terra é o astro mais familiar aos humanos, é quase uma visita da casa. Os poetas têm cantado a sua beleza e os artistas inspiram-se na sua luminosidade. Os escoteiros também utilizam a Lua, mas é para se orientarem.

Quando a Lua *cresce* — QUARTO CRESCENTE — as suas pontas estão voltadas para ESTE. Quando a Lua *decresce* — QUARTO MINGUANTE — as suas pontas estão voltadas para OESTE.

Resta uma dificuldade: Saber quando a Lua *cresce* e quando ela *decresce*. Mas o problema é muito fácil de resolver ou, por outra, é a própria Lua que o resolve. Até se diz que *a Lua é mentirosa*. Quando ela se nos apresenta com a configuração de um *C*, primeira letra da palavra CRESCER, ela está a *decrescer*, é o *quarto minguante*. Quando se nos apresenta com a configuração semelhante a um *D*, primeira letra da palavra DECRESCER, como ela é mentirosa, está a *crescer*, é o *quarto crescente*.

Portanto: Se cresce, mostra um *D*, as pontas estão voltadas para ESTE. Se decresce, mostra um *C*, as pontas estão voltadas para OESTE.

ORIENTAÇÃO PELAS ESTRELAS

O conhecimento dos astros é uma ciência que se obtém pela observação. Num manual de escoteiros podem ser dadas algumas bases, mas só se consegue identificar as estrelas depois de algum tempo de observação.

As noites claras, de luar, são as melhores para observar o Céu. Se a noite estiver muito escura, surge um grande número de estrelas e torna-se mais difícil destacar as constelações.

Quando se observa o firmamento, há uma primeira circunstância que se verifica. É que nem todas as chamadas estrelas brilham da mesma forma. Há umas que cintilam constantemente, em especial se estiverem mais perto do horizonte. Estas são pròpriamente as *Estrelas*.

Há outras, porém, que não cintilam, têm uma luz amarela, calma. São os *Planetas*. Conseguem distinguir-se a olho nu os planetas *Mercúrio*, *Vénus*, *Marte*, *Júpiter* e *Saturno*. Vénus é muito conhecido pelo povo e chega a ser visto até de dia, o que atrai a curiosidade do público. Em linguagem popular é conhecido por Estrela da Manhã ou Estrela do Pastor.

A diferença fundamental entre as Estrelas e os Planetas é que as primeiras têm luz própria, são verdadeiros sóis, que se encontram muito afastados da Terra. Por exemplo, se representarmos o Sol pela fogueira do fogo de conselho que se encontre a um metro de nós, a estrela que a seguir estaria mais perto corresponderia a uma fogueira igual a 260 quilómetros, portanto, sem possibilidade de lhe sentirmos o calor ou nos servir de iluminação. Por isso, também o Sol — uma estrela — nos aquece e ilumina, enquanto as outras estrelas são reconhecidas apenas pelo seu brilho.

Os Planetas não têm luz própria, refletem a luz do Sol, são astros semelhantes à Terra e, como esta, gravitam em volta do Astro Rei. Mercúrio leva 88 dias na sua trajectória em volta do Sol, Vénus, 225 dias; Marte, 2 anos; Júpiter, 12 anos; Saturno, 30 anos; Urânio, 84 anos; Neptuno, 865 anos...

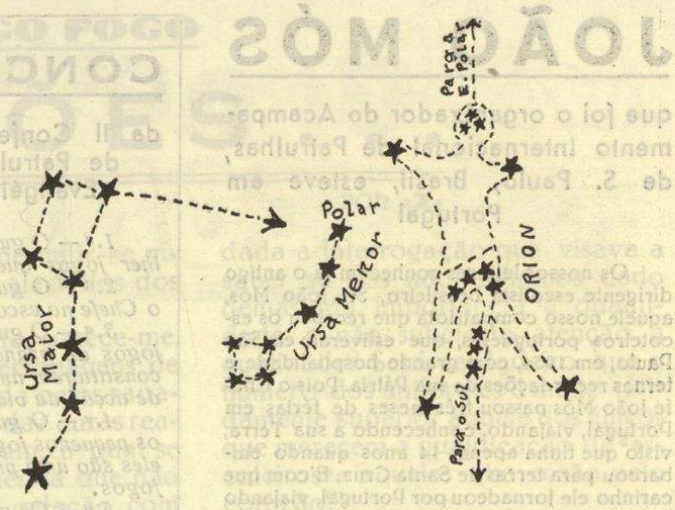


FIG. 1

Nem todas as estrelas brilham com a mesma intensidade luminosa. A esta diferença de luminosidade chama-se *grandeza*. Assim, há estrelas de várias grandezas e conseguem-se distinguir as de primeira, segunda, terceira e quarta grandezas, mas as vistas privilegiadas podem distinguir até à sexta ou mesmo sétima grandeza. Com o auxílio do telescópio outras mais conseguem ser alcançadas.

Outra circunstância que logo verificaremos nas nossas primeiras observações é que as estrelas mantêm entre si as mesmas posições, agrupando-se e formando figuras de diversos aspectos, fácilmente reconhecíveis. Esses grupos de estrelas chamam-se *Constelações*.

Identificadas estas constelações foram-lhe atribuídos nomes pitorescos de pessoas, animais ou figuras mitológicas, algumas vezes sem qualquer relação com a configuração das constelações. A propósito da Ursa Maior, a que em breve nos referiremos, Baden-Powell diz com o seu habitual espírito: *É a única ursa de cauda comprida que conheço*. De qualquer forma, porém, são exactamente por esses nomes típicos que as constelações são conhecidas. Assim temos, entre outras, a *Ursa Maior*, *Ursa Menor*, *Cassiopeia*, *Orion*, *Dragão*, *Girafa*, *Escorpião*, *Signo*, *Lião*, *Virgem*, *Pégaso*, *Lira*, *etc.*, *etc.*

Outra circunstância que a nossa observação nos vai revelar é que todas as estrelas se deslocam regularmente no firmamento de Este para Oeste ou seja no mesmo sentido do Sol. Se com o auxílio do mapa da figura n.º 2 te dispuseres a observar o Céu em duas ou três horas seguidas, poderás conhecer esse movimento certo das estrelas. Como sabemos, esse movimento das Estrelas, tal como o Sol, é aparente. É a Terra que se move. Mas para o nosso estudo, interpretaremos as coisas como se fossem as estrelas que se movessem.

ESTRELA POLAR

A *Estrela Polar*, porém, apresenta-se fixa. Para melhor compreensão, abramos um chapéu de chuva. Coloquemo-nos debaixo dele e imaginemos que a sua parte inferior é a abóbada celeste. No centro do chapéu, junto à ponteira, coloquemos a Estrela Polar e partamos do princípio que as outras estrelas se espalham pela abóbada. Se imprimirmos movimento de rotação ao chapéu, verificamos que enquanto todas as estrelas circulam em volta do centro, a Estrela Polar, colocada exactamente no centro, permanece imóvel. É esta circunstância que a torna muito útil para a orientação e desde recuadas épocas ela serviu aos navegadores para indicar o Norte. A Estrela Polar encontra-se a *1º 20'* do norte geográfico, (1) diferença insignificante na prática.

Ao contrário do que muitas vezes se julga, a Estrela Polar não é uma estrela muito luminosa, é de segunda grandeza e está situada numa zona pobre de estrelas brilhantes.

Faz parte da constelação da Ursa Menor, mais parecida com uma caçarola, do que com uma ursa. A Estrela Polar é a última estrela da ponta da tal cauda da ursa. (*Vidé fig. 1*).

Nem sempre é fácil distinguir a Ursa Menor porque não é uma constelação muito visível. Torna-se pois necessário conhecer a maneira de a encontrar. Outra constelação muito semelhante a esta é a Ursa Maior. Tem também um corpo

(1) *Vidé Manual de 2.ª Classe «Sempre Pronto» — Orientação.*

(Conclui na 7.ª página)

ORIENTAÇÃO

(Conclusão da 6.ª página)

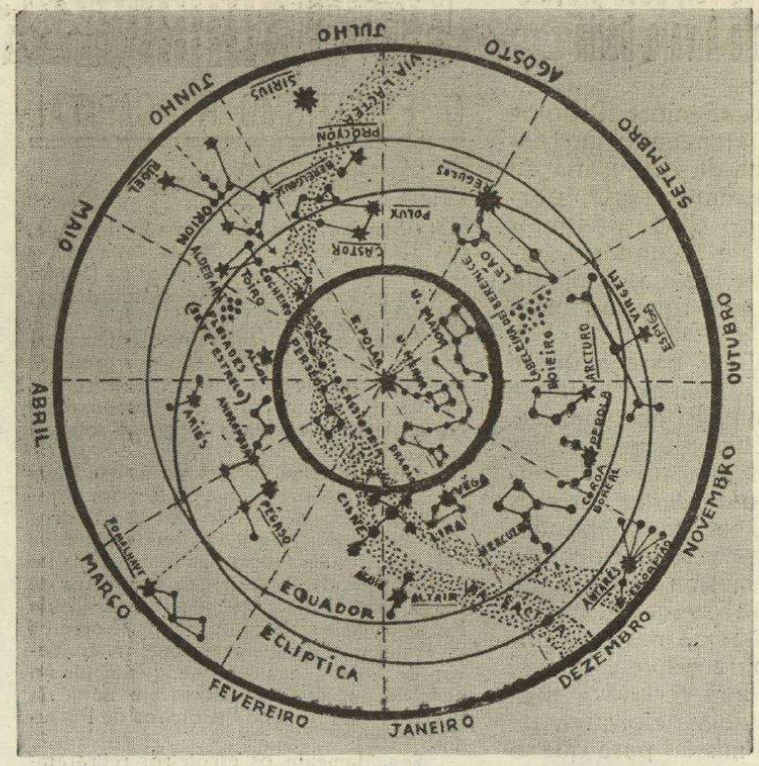


FIG. 2

com quatro estrelas dispostas em trapézio, e a cauda com três estrelas. Esta constelação é mais brilhante que a primeira citada, pois tem seis estrelas de segunda grandeza e uma, aquela de onde parte a cauda, de primeira grandeza, mas está disposta em sentido contrário.

Como esta constelação é mais fácil de encontrar, é por ela que iniciamos a busca da Estrela Polar. Para isso, traçamos uma linha imaginária que parte das *guardas* da Ursa Maior. As guardas são as duas estrelas que constituem a frente do trapézio, do corpo da «ursa». Se prolongarmos cinco vezes a distância que separa as duas *guardas*, essa linha imaginária encontrará a Estrela Polar e, portanto, o Norte.

CASSIOPEIA

Podemos encontrar a Estrela Polar com o auxílio da constelação *Cassiopeia*. Esta encontra-se do lado contrário da Ursa Maior e tem a configuração de um «*W*». Se traçarmos uma linha recta imaginária entre as duas *guardas* da Ursa Maior e a prolongarmos na mesma direcção do primeiro caso; e traçarmos uma outra linha imaginária do vértice central do W da Cassiopeia, o ponto onde essas duas linhas se cruzarem, encontra-se a Estrela Polar. Este segundo processo é especialmente usado quando é difícil distinguir a Estrela Polar.

ORION

Esta é outra constelação muito conhecida. O povo conta as mais variadas histórias a seu respeito. Simula um guerreiro (*Vidé fig. 1*), com um *cinturão*, constituído por três estrelas, e uma *espada* por quatro estrelas. Conta-nos Baden-Powell que os Zulos chamam ao cinturão e à espada, *três porcos perseguidos por três cães*. A tribo de Massai da Africa Oriental, diz que *são três solteirões seguidos por três velhas solteironas*. Entre nós chamam-lhe os *três reis e os três pastores, etc.*

Além destas estrelas, vemos ainda nesta constelação em cada ombro e em cada pé uma estrela brilhante. Na cabeça estão três estrelas.

Se imaginarmos uma linha que vai da ponta da *espada* passa pela estrela do centro do *cinturão* até à estrela do meio da *cabeça*, teremos uma linha que vai do Sul ao Norte, na direcção da Estrela Polar.

Esta constelação é fácil de encontrar, porém, só é visível no hemisfério norte de Dezembro a Abril. Aparece no Este e em Abril desaparece no Oeste.

Na identificação das constelações, acautela-te com os planetas. Como o movimento destes é diferente do das estrelas, acontece que algumas vezes algum planeta se mistura numa constelação e se confunde com as estrelas. Se observares o seu brilho logo tudo será esclarecido.

OUTRAS CONSTELAÇÕES

No verão, poderás encontrar bem ao Sul a Constelação *Escorpião*. É constituída por uma estrela brilhante frente a quatro quase em linha, mas menos brilhantes.

A constelação *Dragão* está acima da Ursa Menor. É constituída por quatro estrelas a formarem um trapézio e umas oito a formarem uma linha quebrada em volta da Ursa Menor.

No mapa da figura n.º 2, encontrarás a posição de muitas outras constelações nos diversos meses do ano. Com o seu auxílio podes iniciar a tua observação do firmamento. Dentro em breve, terás não só direito à prova de primeira classe, mas se levares mais longe as tuas observações, poderás, com direito, ver brilhar no teu braço a insígnia de «Cosmógrafo» e, tal como o Salmista David, proclamarás: «*Os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos*».

E. R.

BIBLIOGRAFIA:

Le Manuel de l'Éclaireur—Éclaireurs U. de France.
Orientation—A. Manciot.
Escotismo para Rapazes—Baden-Powell.

AVENTURAS DE FIFI

XVI



Como o tempo esfriou, Fifi e o primo lembraram-se deste exercício para aquecer. Agora, parece-nos que o expediente, embora à primeira vista se julgue bom, ainda vai acabar mal. Não será necessário uma travagem rápida?



Mas o Fifi, não há dúvida, é um rapaz cheio de imaginação. Onde é que ele teria ido desencantar a cadeirinha? O que é certo é que conseguiu um bom passatempo para ele e para os seus amigos. Fifi é generoso e quando arranja qualquer coisa boa, também gosta que os outros se gozem dela. Fifi é um bom rapaz.

AO FECHAR DA EDIÇÃO

Nós temos "ESCOTEIRO"... ora esta acepção é a que, a meu ver, deve prevalecer — afirma o Escoteiro-Chefe e Professor António Álvaro Dória

O professor Álvaro Dória, amigo dedicado do «Sempre Pronto» e colaborador que muito tem honrado estas colunas, atendendo um pedido nosso, dá-nos, em carta, a sua opinião acerca da ortografia da palavra «escoteiro». E esta opinião é para nós muito importante, porque o Professor Dória alia à sua qualidade de Escoteiro Chefe dos mais antigos da nossa Associação, a de Professor de ensino secundário, escritor e conhecedor profundo das línguas portuguesa e inglesa, conjunto de circunstâncias particularmente feliz para apreciar esta questão ortográfica. Diz ele:

«...Quanto a *escoteiro* ou *escuteiro*, embora me pareça que é questão de *lana caprina*, inclino-me para a primeira grafia por tratar-se de termo já existente na nossa língua com significação muito aproximada. É certo que o ilustre professor W. Skeat dá como étimo do *scout* inglês o velho francês *escoute* (espião), do verbo *escouter* (escutar, prestar atenção), do latim *auscultare* (ouvir) de onde nós tirámos o *auscultar* nos seus dois sentidos correntes. Mas apesar disso não me parece razão ponderosa basear nessa etimologia o termo português, pois o recebemos do inglês como uma significação diversa daquela que na mesma língua tinha originàriamente. Nós temos o *escoteiro*, «o que viaja sem bagagem», «o que se move com rapidez e silencioso», sendo nesta acepção que mestre Aquilino o emprega *assim* nas suas obras. E o Aquilino parece que sabe *um pouco* de português. Ora esta acepção é a que, a meu ver, deve prevalecer, Portanto: *escoteiro. Escuta, escuteiro* implica ideia pejorativa de «espião», de «intriguista», nos antípodas da nobre missão para que o Escotismo foi criado».

II Conferência dos Guias de Patrulha e dos Escoteiros Evangélicos de Lisboa

A sessão de abertura dos trabalhos desta Conferência, realizou-se no dia 31 de Outubro, na sede do Grupo n.º 10, na rua Tomás da Anunciação, 56-A, 1.º. Presidiu o Guia Fernando Sanches, secretariado pelos srs. Eurico Augusto e José Eduardo P. Ribeiro. Os dois primeiros eram o presidente e secretário da Comissão Executiva da Conferência. O caminheiro P. Ribeiro dirigiu uma alocução aos guias, desenvolvendo os seguintes pontos: *Que somos? Que devemos fazer? Que podemos conhecer? Que podemos esperar?* Terminou o seu trabalho exortando os Guias a trabalhar com afinco para o engrandecimento do Escotismo português.

O Secretário da Comissão Executiva referiu-se ao significado da Conferência e expressou os anseios de todos para que os trabalhos deste ano pudessem trazer largos benefícios para a vida das patrulhas ali representadas.

O Chefe Samuel Vieira e o Director do «Sempre Pronto» saudaram os guias presentes e formularam votos para o bom êxito da conferência.

Os trabalhos começaram no dia 31, no salão social da Igreja Escocesa, na rua da Arriaga, realizando-se três sessões, de manhã, à tarde e à noite, prosseguindo no dia 3, Domingo, na sede do Grupo 8.

O tema da Conferência foi «O Guia e o Sistema de Patrulhas», tendo apresentado teses os guias Paulo Balão, António Amêndoa, Armando Morais, Gilberto Costa, Eurico Augusto, Rui Negreiros e Fernando Sanches, que foram apreciadas e discutidas por todos os participantes. Os trabalhos foram encerrados ao fim da tarde, tendo os guias expressado a sua satisfação pelos ensinamentos e experiências colhidos na Conferência, que os habilita a um melhor desempenho da sua missão.

A Conferência manifestou o desejo de que as Conclusões dos seus trabalhos e a tese do guia Fernando Sanches fossem publicadas no «Sempre Pronto», tendo nos dirigido um pedido nesse sentido, a que, gostosamente, acedemos.

No fim dos trabalhos, os Guias e os chefes dos grupos evangélicos reuniram-se num jantar de confraternização, que decorreu no meio da maior alegria e boa camaradagem.

Em acção de graças pelas bênçãos recebidas, Dirigentes, Guias, e as Escoteiras da Companhia Filipa de Vilhena, que tinham servido o jantar, tomaram parte no culto que nessa noite se efectuou na Igreja da Rua Febo Moniz, tendo o pastor Rev. Carlos Augusto de Vasconcelos feito referência aos trabalhos da II Conferência.



Guias de Patrulha, Guias (Escoteiras) e Dirigentes que tomaram parte no jantar de confraternização da II Conferência de Guias de Patrulha Evangélicos de Lisboa.



O ESCOTISMO NA CAPITAL

Dia da Restauração

Comemorou-se no passado domingo, dia 1 de Dezembro, o dia da Restauração de Portugal, tendo os escoteiros da Região Centro realizado um desfile em homenagem aos heróis de 1640.

Feita a concentração dos escoteiros na sede da Associação, verificou-se a presença dos seguintes grupos; 1, 2, 5, 7, 8, 9, 10, 53, 79, 93, e 94, num total de 82 escoteiros e chefes, tendo o chefe do 2.º grupo tomado o comando.

Colocadas na formatura, as bandeiras Nacional, da Associação e da Região, transportadas respectivamente por caminheiros dos grupos 94, 79 e 2, iniciou-se o desfile até aos Restauradores, sendo colocada no Monumento da Restauração uma placa de flores, com o distintivo dos Escoteiros de Portugal, na presença de muitos elementos da Fraternal e do seu presidente sr. dr. Tovar de Lemos, que colocou igualmente no pedestal um ramo de flores em nome da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.

Seguidamente, os escoteiros retiraram-se em saudação, enquanto a direcção e sócios da Fraternal pousaram para fotografias.

O «Sempre Pronto» fez-se representar na cerimónia pelo seu redactor Luís Garcia Inácio.

Grupo n.º 94

Esta unidade, que tem a sua sede na Ajuda e atravessa uma fase de grande progresso, realizou no Domingo, dia 15 do corrente, uma festa na sua sede, durante a qual prestaram promessa os novos lobitos José Manuel de Jesus e António Manuel Marques Ribeiro.

Na mesma ocasião, prestaram Compromisso de Honra os novos escoteiros Valdemar Aires Peres da Silva, José Manuel Cardoso e Albano Carvalho Ribeiro.

Os escoteiros passaram o resto da tarde em confraternização, apresentando canções e jogos, tendo o sr. Manuel António Palma oferecido uma interessante sessão de filmes educativos.

DECEPÇÕES...

(Conclusão da 4.ª página)

riam bem comprometer todo o futuro do vosso Escotismo.

Isto é o que a franqueza me força a dizer, portanto, eu ouso esperar, que vós não me tomareis rigorosamente.

Devemos pois desesperar?

Não, porque o desespero é o oitavo pecado capital.

O último movimento da nona sinfonia de Beethoven, interpretado pelo grande Italiano, encontra ainda um eco no meu espírito. Esta sinfonia da alegria invencível sempre superior à tristeza...

Saint-Denis, 26 de Janeiro de 1957

Vosso Z.